

PAULICÉIA DESVAIRADA

Hélios

Amada Paulicéia, terra mesclada de eleitos e de cúbicos burgueses, feira de cabotinos arlequinais e de gênios taciturnos, improvisado acampamento de salteadores e profetas, de místicos e de traficantes, tens, agora, o teu cantor soberbo! Terra que eu amo sobre todas, pela angústia que ofega nos porões dos teus bairros, pelo cinismo dos que te conquistam com seu ouro e com sua audácia, terra do meu berço, dos meus amores, alguém, com versos estranhos, fixou tua tragédia, teu sofrimento e tua glória!

Ele, o Aedo bizarro, será negado pelos que só vibram ao clangor marcial dos fechos de ouro dos paralelepipedais sonetos parnasianos... E o Crucificado do Livro Fechado aos mediocres, e o Cristo da Ânsia e do Desvairo, ouvirá o casquinar sarcástico dos críticos obeliscais, dos ratés aleitados pelo cromatismo verborrágico dos versos sonoros, como um dia foi negado Àquele que bebeu no cálice todas as angústias...

Ó minha Paulicéia do imigrante nostálgico, que acorda, nas ruas crepusculares, dentro do seu pregão com que suplica às portas fechadas o pão da sua fome, toda a saudade que ficou para lá do mar!

“BATATA ASSATA U FURN!”

Ó Paulicéia dos meus encontros subsultantes, sob as tílias verdes, nos jardins tropicais em que cada aroma é uma serpente a repetir a canção do pecado! Ó minha terra amada, alguém, condensando tua inquietude, musicando a polifonia desencontrada dos teus gritos, erguei o monumento canoro da tua ânsia!

Paulicéia Desvairada! Esse é o livro esperado de Mário de Andrade, sarcástico e lírico, evocador de todas as emoções da grande urbe, o doloroso e irônico condensador emocional da modernidade citadina, onde o *jazz-band* estridula, pondo lascívia nas espinhas descobertas dos demô-

nios divinos, que nos desvairam, e onde a fome ulula em ventres cavados, nas oficinas fumarentas dos acarvoçados bairros obreiros.

Saiu, com sua capa arlequinal, o poema gargalhante, onde lágrimas grandes como punhos fulgem na ponta de ironias agudas como lanças.

Todos os escribas e fariseus se amontoarão, uivantes, na sua *via-crucis*, atirando-lhes a ignorante injúria, o baldão inconsciente, o ridículo insulto.

E eu, que admiro a atitude leal, que vejo lacrimejar o perdão e a piedade para o zôilos de cada fulgida alma desse poema, saúdo seu aparcimento entusiasticamente, sentindo que nele está a morte dos que preparam, com sanha de vencidos, a cruz e os cravos para o sacrifício do apóstolo do novo evangelho artístico de minha terra.

O livro de Mário é um grito de redenção e de desafio. Um livro escrito com sangue, que é, como diz Nietzsche, luz de espírito, eternidade... Um glorioso livro, afinal.

(Crônica de Menotti Del Picchia publicada, sob o pseudônimo de "Hélios" no *Correio Paulistano* de 25 de agosto de 1922)

